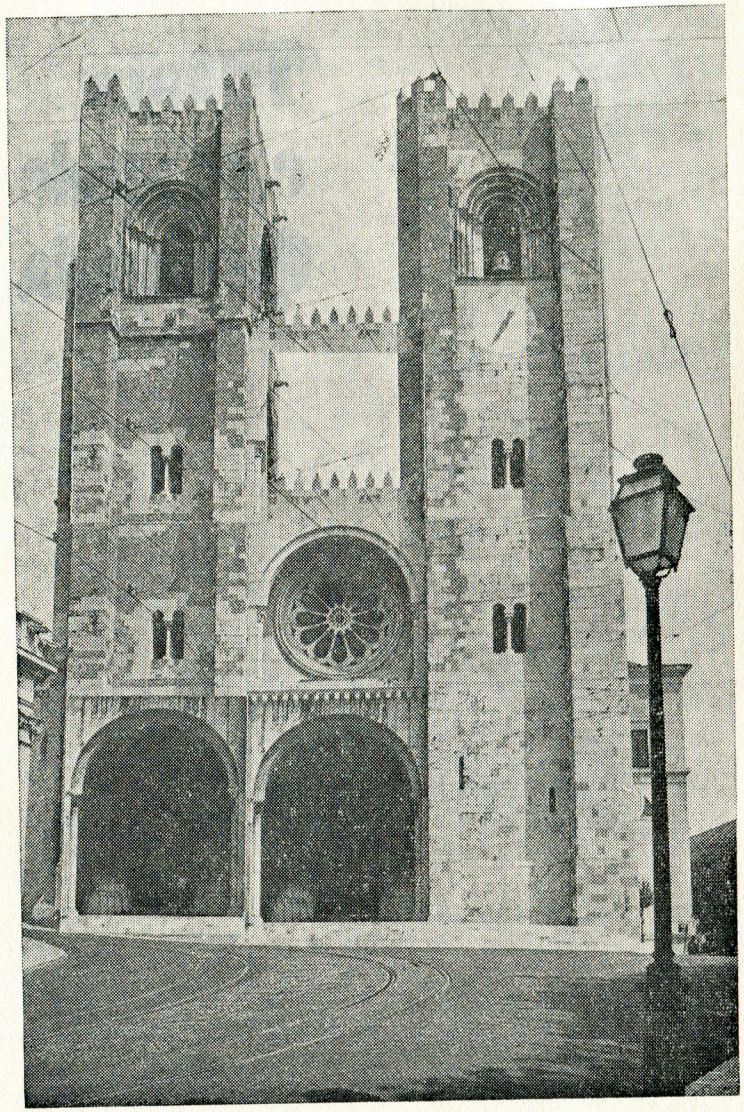
poesia SéculoXX

Mário Cesariny

Titânia e a Cidade Queimada

Publicações Dom Quixote

Titânia e a Cidade Queimada



... um pouco ao género italiano (p. 31).

Mário Cesariny

Titânia e a Cidade Queimada

Publicações Dom Quixote
Lisboa
1977

FICHA :

© *Mário Cesariny, 1977.*

Capa e orientação gráfica : *Fernando Felgueiras*

Edição : *16 W 550*

Todos os direitos para a língua portuguesa, inclusive Brasil, reservados por Publicações Dom Quixote, Rua Luciano Cordeiro, 119, Lisboa.

Composto e impresso na *Tipografia Garcia & Carvalho, Lda., em Dezembro de 1977.*

ALGUNS DADOS SOBRE MARIO CESARINY :

Nasceu em 1923. Em 1947 funda, com António Pedro, José-Augusto França e Alexandre O'Neill, entre outros, o Grupo Surrealista de Lisboa, vindo, no ano seguinte, com António Maria Lisboa, a organizar um grupo dissidente.

Pintor, além de escritor, expõe com assinalado êxito em 1949.

Bibliografia :

Corpo Visível, 1950; *Discurso sobre a Reabilitação do Real Quotidiano,* 1952; *Louvor e Simplificação de Álvaro de Campos,* 1953; *Manual de Prestidigitação,* 1956; *Pena Capital,* 1957; *Autoridade e Liberdade São Uma e A Mesma Coisa,* 1958; *Alguns Mitos Maiores Alguns Mitos Menores Propostos À Circulação pelo Autor,* 1958; *Nobilíssima Visão,* 1959; *Poesia 1944-1955,* 1961; *Planisfério e Outros Poemas,* 1961; *Antologia Surrealista do Cadáver-Esquisito,* 1961; *Um Auto para Jerusalém,* 1964; *A Cidade Queimada,* 1965; *A Intervenção Surrealista,* 1966; *Do Surrealismo e da Pintura em 1967,* 1967; *19 Projectos de Prémio Aldonso Ortigão seguidos de Poemas de Londres,* 1971; *As Mãos na Água A Cabeça No Mar,* 1972; *Burlescas, Teóricas e Sentimentais,* 1972; *Jornal do Gato,* 1974; *Textos de Afirmação e de Combate do Movimento Surrealista Mundial,* 1977.

Tem em preparação neste momento: *O Surrealismo em Português e em Espanhol* (com Sérgio Lima e J. F. Aranda) e *As Mãos Na Água A Cabeça no Mar,* II volume.

TITÂNIA HISTÓRIA HERMÉTICA EM TRÊS RELIGIÕES E UM SÓ DEUS VERDADEIRO COM VISTAS A MAIS LUZ COMO GOETHE QUERIA

PERSONAGENS:

Vénus Urânia (ver a lista grega)
Oberon (Príncipe da Floresta)
Titânia (ver *Sonho de Uma Noite de Verão*. Depois do sonho: mala de mão, asas pretas)
Seres Voantes
Restos de Seres Marinhos
Seres Quadrados
Isménia
Judite (muito importante)
Julião (o primeiro)
Titanin (ver Titânia)
O diabo
O elevador de Santa Justa
Filósofo grego
Carlos
O Duque da Terceira (a estátua do)
Arquimedes Lontano
A Zezinha, Roseta, Galinota, Marquesa, Fincas, a Galga

Nuno
Bombeiro
Velha
Barbeiro
Florista
Anónimo que escreve sobre Titânia
As Mães
Rimbaud
Apolo

PRIMEIRO NASCIMENTO DE TITÂNIA :

Quando Vénus Urânia emergiu das ondas ficou lá um buraco do tamanho de um homem. Estrelas-do-mar, um prego enferrujado, minúsculas armações que em vida tinham sido famélicos peixes aderiram às partes lívidas e frescas que a lindíssima deusa abrira em pleno oceano. Ninguém tapou aquela espécie de vácuo e por expressa ainda que ignota determinação cósmica Titânia nasceu ali. Claro está que ao nascer aquele corpo novo — e bem diferente, diga-se, de tudo o que os peixes miravam e a lua buscava iluminar naquela noite oceânica, escura como eu — não nasceu nada que se aproveitasse: aquele corpo *seria* o de Titânia, não era ainda o corpo de Titânia. Dentro das proporções que lhe cabiam tinha salas enormes, cheias de portas e passagens secretas. Abria-se uma — fechavam-se mil. Abria-se outra: ficavam sempre muitas por abrir. Só no fim das salas

todas corridas se saberia exacto o nome que havia de convir à recém-chegada.

Ficou pois a nada-viva muito quietinha sobre o meio das ondas. Às vezes olhava para cima, outras vezes olhava para os lados e para baixo, a ver o que era e o que não era. Ia assim dando conta do recado. Mas pouco mais alcançava do que paredes-líquenes, aranhas-de-avental, estrelas-do-mar — azuis! — e que às noites porém vinham juntar-se as estrelas do ar, que estão no céu.

SEGUNDO NASCIMENTO DE TITÂNIA:

Nasceu rapaz e chamou-se Titanin.

PRIMEIRO NASCIMENTO DE OBERON:

Quando Vénus Urânia emergiu das ondas ficou lá um buraco do tamanho de um homem. Depois do nascimento de Titânia as paredes-líquenes solidificaram tomando forma de sequóia.

SEGUNDO NASCIMENTO DE OBERON:

Oberon nasceu em Gaia (Vila Nova de), cujos habitantes são altos e elegantíssimos, usando mudar cuidadosamente de roupa quando passam a ponte de D. Luís:

rubros às terças-feiras, brancos ao domingo, rosa-vivo aos sábados. Oberon veste negro como a camisa que lhe abraça o peito. Esteve empregado na Ervanária Ferraz, junta ao come-e-bebe O Punhal, onde se atardam sempre três pessoas: a Bruxa, o Papagaio, e a Solteira. Às quartas-feiras, atracção-abismo: engraxador-paralítico. Quintas, de manhã cedo: o senhor Álvaro, pessoa já importante, dos regimes.

Depois do último tremor de terra as casas encostaram-se aos novos montes e começaram a alastrar outra vez. Não parecia que fosse para se viver nelas: dava mais ideia que era para haver ruas. Inóspitas, acanhadas, exibiam soluções absurdas na reconquista dos solos que o terramoto desconfigurara. Vistas da colina ou das séries de pátios que se abriam ao vento, as casas, realmente, preocupavam pouco.

Isto na zona velha, que é a que constitui propriamente a cidade. Os bairros erigidos na periferia pouco ou nada tinham de ontológico. Certo que ainda não fora a eles a mão do sismo. Mais uns anos, certas confirmações, e dariam também a sensação de vácuo aglomerado que se sentia na parte velha da urbe.

Do remoto passado da cidade contavam-se histórias fabulosas, inverificáveis (devido às destruições) mas logicamente ligadas ao elemento Água. Procópio's Town erguera-se da água, não como os povos dos Países Baixos, que se opõem ao mar como a um campo de morte, mas rastejando, contornando obstáculos, ladeando

a colina e, vencida esta, em louca correria para o interior. Mais tarde, teria regressado ao elemento mater. Na actualidade, porém, o elemento dominante era o Ar. Um ar doce, envolvente, que apanhava as pessoas sem se deixar apanhar. Fora abatida toda a construção que se alçasse para além dos doze metros e o ar passava ondeante, possuidor, dos telhados para as ruas. Sempre tão espesso que muitos edifícios eram esburacados a fim de devolverem rapidamente as correntes razantes que, durante o Outono, encanavam nas praças intervalares levando tudo de vencida até aos miradouros da cidade.

Da população, de que Titânia fez parte durante dois Invernos, mais de dois terços era flutuante. Raras vezes se sabia de onde vinha ou para onde se fora quando lhe dava para desaparecer. Era uma lenta circulação de veios, um sanguíneo interior que nunca extravasava. E, tal como outrora se dera aos exercícios da Água, entregava-se agora ao império do Vento. Profetas do período de transição haviam predito para breve o advento de novo ciclo — o ciclo do Fogo — que aqueceria o ar após novo terramoto. Procópio's Town habituar-se-ia a viver sob lava e a criar os seus filhos em toalhas ardentes. Mas, como por vezes sucede, os profetas enganaram-se na pértica, pelo que foram entregues ao braço secular e esbraseados vivos junto ao grande rio que aperta a cidade. Turmas de populares, vendo-os já em cima dos toros de lenha ardente, mostraram-lhes todo o comprimento das respectivas línguas e gritavam:

«Isso, é para vos habituar ao novo ciclo!»

Naturalmente incorporados ao elemento que os vira nascer, os habitantes de Procópio's andavam aos saltos pelas ruas. A alguns haviam-lhes nascido asas. Estes, o natural orgulho de Procópio's, mas, também, a sua constante preocupação. Davam motivo a inúmeras queixas, pois enquanto a maioria voava pouco — só ao sabor do vento, e como em sonhos — estes últimos tomavam direcção, iam além da colina, levando a um grau extremo a capacidade de alucinação por imagem em que já orbitava toda a população.

Paradoxalmente, não eram os saudosistas do antigo elemento os que mais se queixavam da relativa anarquia que o ciclo dos Seres Voantes trouxera à cidade. Um almirante estabelecera até, no Grémio Literário de Abismado's Road, o agradável quadro de um paralelo entre o Ar e a Água vistos como hábito do homem de Procópio's Town. Os Seres Voantes, disse, e desses os mais voantes, ainda constituíam um estimável processo de navegação, sem, claro estava, a virilidade plena da velha vida marítima mas ainda simpáticos na sua determinação. Aliás, tendiam a transformar-se em casas (jangadas). E... «também nós, na jangada infernal, as tínhamos, e das boas!» Só que o Ar leva a mais e mais infinito, enquanto a água tem limitações, concluiu o almirante.

Mais desabridos e logo violentos eram os Seres Quadrados, que tinham a boca para baixo e respiravam bem debaixo de terra. Com estes, pouca gente queria contar — eram algo como um presságio de convulsões. Não se pode dizer que fossem estáveis — esse, embora, o seu maior propósito. Em todo o caso, poupavam desilusões

trabalhando como danados, nunca olhando para cima e fornecendo o maior contingente de carga útil ao comércio violento da cidade, que dirigiam de longe, dentro de caixas.

Desagradáveis, pois, mas não inteiramente desprovidos de espírito. Certa manhã Procópio's Town acordou numa gargalhada geral, Seres Voantes correndo pelos telhados, restos de Seres Marinhos emergindo dos lagos: um homem de nome Alarico enfraquecera demais, nunca se soube porquê, a aderência ao solo e resolvera amarrar, decerto por mútuo acordo, uma longa e fina corda de esparto à barriga da perna de um Ser Quadrado, lançando a ponta onde as asas lhe entravam (omoplatas). A ideia revelara-se conducente e passeavam, felizes, o resultado obtido: pairava menos o que estava em cima, saltitava, contente, o Ser Quadrado, em baixo. A diversão durou algumas horas. Por fim o lá de cima tinha fome e o de baixo queria ir urinar. Porém a multidão colara-os à imagem formada e não os deixava ir, só os deixava gritar. O gáudio geral só amainou, caindo um silêncio esquisito, quando alguém fez notar que a fina corda de esparto que balançava entre os dois extravagantes estava completamente negra de formigas.

Chegou tarde à reunião: trazia que contar. As amigas formaram logo roda, bulhentas e excitadas.

«Foi ontem», disse.

Esgares de pasmo fingido e grande algaraviada assinalaram a comunicação. Isménia deu uma volta sobre si mesma e quedou-se abstracta, de mãos acasaladas. Judite foi pendurar-se do telhado e de tal maneira o fez que ia caindo.

«Larguem-na! Deixem-na morrer», gritava ela, sufocada de riso, às mãos que a seguravam. O atelier encheu-se de diabinhos vermelhos vindos de todos os lados, saltitantes, meteóricos.

Com certo sacrifício de parte a parte restabeleceu-se a ordem. Alguém fechou a «rádio». Esgueiradas pela janela entraram no aposento, em grave fila indiana, as doze badaladas do relógio do Carmo.

A mensageira começou então a contar.

Titânia — pois era ela! — havia subido com a madrugada às cercanias da Sé e ali noivara com um marinheiro. Até aqui, nada de especial. Todas as raparigas de vida,

como dizer: fácil?, têm essa aventura a que emprestam um gosto muito particular. Rapariga daí que não tem marinheiro é como um Papa à chuva numa Roma pagã. Mas aqui é que estava a novidade. Quando Titânia mereceu as suas esporas de ouro — quando foi registada pelos Seres Quadrados na Câmara de Reparto Elemental da Cidade — começou logo de amar a maruja. Mas a maruja olhava, alteava e desaparecia com o mapa. Vive-se, hoje, uma tal licença que não bastam ao amor os miúdos acenos de antigamente. A maligna influência de uma publicidade gritante, o grande cartaz eléctrico, a enorme perna à mostra obliteram olhos e ouvidos outrora habituados a captar o mais ligeiro zéfiro amoroso. Conta-se até o caso daquele jovem que só muito a desoras reconheceu uma perseguição, para qualquer outro esfalfante, da parte de certa senhora que vendo-se desprezada como tal envergou trajos masculinos para melhor forçar a intimidade do incauto estudante. Conseguidos alfim os melhores dos seus propósitos, desmascarou-se e ralhou brandamente, com a mão no cabelo. Foi então loucamente amada.

Os homens vivem pois muitíssimo distraídos do seu papel principal. É preciso chamá-los, excitá-los, levá-los ao sentido das suas responsabilidades. Eis o que Titânia não sabia. Julgava-se feia, abortada nas suas ambições. Uma que outra colha de pormenores, ao longo do rio, era o mais que Titânia se atrevia. Até principiou a fazer versos! «Só tem descanso quem ali baixou!», escreveu, plagiando sem medo Soares dos Passos. Mas esse mesmo

rio que a levava a um íntimo rocegar de pompas fúnebres forneceu-lhe, certa noite, a redenção.

Era uma tábua, isto é, uma luz, isto é, um jornal que as ondas aproximavam. Vinha dobrado, seco, mostrando um meio-título e mais letras depois. O observador atento descobriria, na parte inferior do título, a presença, palpitante, de uma mão. Não se via muito bem, a um primeiro olhar, se era o jornal que segurava a mão se era a mão que pegava no jornal. A mão, porém, é que ia dar a um pulso e este ao seu seguimento natural: um braço, que subia a transformar-se em ombro até tocar com suprema inteireza as finíssimas linhas auriculares de um pescoço.

Titânia completou, de memória, a figura: mais um braço, a cabeça, tórax, pulmões, respiração, desejo, o intervalo das pernas. Quando o rapaz saltou do bote já atracado Titânia percebeu que era chegada a hora.

«Eu sou pintora, disse, e como tenho um lindo atelier podíamos combinar para ir lá amanhã.»

O rapaz riu por baixo do boné.

«Eu também sou pintor mas é de tabuletas.»

Amaram-se muito. Principalmente ali, no encontro feliz. Depois, logo no dia seguinte, vieram subversões na torpe da realidade. Julião tinha um horário invencível, vivia no lado de lá do lado de lá do rio, explicava ele. Aparecia radioso e Titânia tomava-o como uma bebida que não deixa chegar o fim do copo. Às vezes traziam-se coisas, um prego achado na praia, bocados, fotografias. Mas um silêncio irreal, um silêncio nos olhos ainda era a melhor dádiva que se faziam.

Titanin:

«Amanhã vou mais cedo. Não quero estar a vir sempre atrasado.»

Titânia:

«Nunca tens a certeza. Nunca sabes como é.»

Titanin:

«Gostava de ter asas como as tuas. Ainda maiores. E brancas!»

Titânia:

«Brancas. Que divertido. Pode-se pintar.»

Titanin:

«Queres-te encontrar sempre? Sempre? Neste lugar?»

Titânia:

«Se nos separarem junta outra vez tudo. Sempre. Neste lugar.»

Coisas da solidão em que as pessoas nascem: de repente, fartaram-se. Fartaram-se de ser promessa e encontro fortuito. Eram belos demais para ficarem à porta de um destino.

Julião marcou passo, noite após noite, no lugar marcado. Tomado de despeito, ergueu planos de vingança. Depois, começou a pensar o pior. Chorou, tirou o lenço das calças, veio também um papel, um número, a morada. Mas as Brigadas de Demolição, começada a invernia, haviam tomado conta do casebre que fora teatro do seu corpo de amor.

No lado de lá do lado de lá do rio, onde passou a vegetar, abordou Seres Voantes que passavam à noite, rumo à cidade aureolada de luzes. Mas eram extremamente circunspectos — avessos — a pedidos de informação.

Ou não sabiam e iam-se logo embora ou então talvez soubessem e sentiam-se a mais. Em qualquer dos casos diziam, invariavelmente, à partida:

«Vai lá ver. Talvez saibam. Talvez se possa saber.»

Nesse ano Julião foi chamado para a tropa e como não lhe notassem defeito puseram-no a servir. Talvez por desfastio perguntaram-lhe em que praça queria assentar. Titanin escolheu alto:

«Aviação, na maruja.»

É evidente que isto é um parecer de autor, arremedando a poesia. Titânia nunca sabe ao certo o que lhe acontece. Entra e sai da sua própria vida quando os outros lhe mandam fazer isso, é o seu grande exercício. Neste mesmo momento conta ela às expectantes do atelier a tal história da Sé, o eléctrico e a chuva. Mas crêem os senhores que é isso que ela conta? Ora adeus, não sejamos tão ingénuos assim.

Enquanto a história lhe sai por demais mascarada o rio corre invisível e liso, à distância de um braço. A arquitectura da baixa, eminentemente cénica, angulada, branca, respira vigilância e contenção. Parece representar-se uma comédia cujos veros actores, a milhares de milhares de quilómetros de distância, refractam sombras miúdas a que colamos mãos, olhos, sexos, bocas. À medida que a noite avança, avança a solidão, com pés de macho. É a hora dos fantasmas. É a hora de Titânia e de Oberon.

De vez em quando aparecia o diabo.

O diabo dos portugueses é o diabo mais grosseiro que há, nunca se definiu. Apesar disso, dura, e é dos mais temidos. Saiba-se lá porquê! Muito desconfio ser o nosso diabo coisa tão junta à cabeça de baixo que nunca chegará à cabeça de cima, esse nobre capitel onde se aninham Faustos, Margaridas e as Seduções do Espírito. Um diabo sanguíneo, eis o que temos. Tal barreira garante-lhe obras subterrâneas mais do que nunca vistas: realmente impossíveis de se ver enquanto os sexos andarem pelas ruas dentro desse violino a que nós por descaro chamamos vergonha.

Mas estava eu a dizer: de vez em quando aparecia o diabo.

Desta vez apareceu num cucuruto da Sé (Catedral de Lisboa). Vinha sinistro, até parecia um diabo estrangeiro! As pessoas pararam, sentaram-se pelos bancos, num grande despercebimento da ocorrência. Coisa curiosa, nenhuma delas interrompeu fosse lá o que fosse das suas vidas públicas ou privadas e muito menos as par-

ticulares conversas com que se entretinham subindo ou descendo a rua momentos antes. Só rápidos soslaios indicavam minúsculas percepções. Fiquei maravilhado! Não assim o diabo, que pulou lá de cima e começou cheirando tudo e todos. Registo:

dois marinheiros no banco central do jardim que tem estátua. Fumam.

uns vagos rapazes e respectivas sacolas de bater uns nos outros. Batem uns nos outros.

um soldado a bater com o tacão e outro igual à procura. Procuram.

um boletineiro com a mão no pedal e o pé na rapariga para esse efeito encostada à parede. Encosta-a à parede.

duas velhas à janela. Espiam.

E tudo muito imóvel enquanto o diabo cheira ora o pescoço a um ora o sapato a outro.

«Ele foi ter comigo», disse o marujo, que era poeta, «mas entre céu e mar já não havia perder nem ganhar...»

Aqui porém o diabo cheirou por longo tempo os dedos do rapaz, e o ritmo da conversa ameaçou quebrar. O intruso cheirava devagarinho a um metro do solo, entre os dois camaradas. De repente, levou um encontrão.

«Vou mas é dar um pontapé neste gajo.»

«Aguenta», disse o outro. E acabou a história.

Por muito que tal pese aos mimos de paisagística que andam a atravessar, em todos os sentidos, a melhor literatura portuguesa, tenho de acrescentar que enquanto o diabo cheirava a paisagem fugia. Isto é, ficámos todos (todos os que ali estavam) sem pinga de referência. A fachada da Sé foi a primeira a desaparecer, dissolvida no ar, depois de incrivelmente carregada com uma porta dupla e um altear de torres um pouco ao género italiano. Da antiga catedral só ficou o esqueleto, mas esse era só sombra. Depois, todo o interminável casario abateu sem ruído, como um cão se agacha para a punição. Uma treva feroz tomou conta de tudo. Só o boletineiro e a sua rapariga marcavam, na ruela que sobe ao castelo de São Jorge, uma zona de luz que estrebuchava ainda. Num ápice, o diabo voou para junto deles e cravou-lhes nos olhos toda a sua figura. Os cabelos da rapariga, arfante daquele esforço de ignorar o intruso, cresceram lentamente, nos primeiros momentos. Em torvelinho e às golfadas depois, como um grande mar loiro que ventava e rugia.

Enquanto estas cenas se passam, as pessoas de índole tranquila estão nos «cafés», tranquilas. As de índole inquieta saem para a rua, inquietas. Se não chove, o espectáculo acaba por lançar na maior confusão o próprio Deus Criador, pois as pessoas inquietas são tantas que têm de ficar em esquadrão, absolutamente imóveis, para darem passagem às pessoas inquietas que vêm dos outros lados da cidade.

De vez em quando o diabo aparece noutros sítios: Mosca's Basílica, passerelle do elevador de Santa Justa, Estação do Rossio. E sempre, sempre, as pessoas que o vêem põem-se a abstrair, a fingir não olhar. Exagero, talvez, pois não se pode dizer que ocultem uns dos outros a temível presença, antes corroboram uma espécie de acordo tácito, um está bem, está bem, já sabíamos disso.

Oberon está furioso! Despediu o Emissário como quem condena à morte um inocente. Depois, aparelhou para a estrada infinita cujo chão é o espaço e cuja noite é o mar.

O leito de Titânia, rodeado de fontes e de gomas celestes, está vazio — e impuro! Uma mancha escarlate, que em vão se atribuiria ao vinho das amoras, nesta altura do ano exuberantes, escorre da almofada muito fria, marchetada de ausência e solidão. Um gato ladrou à Lua, a coruja crocitou dois avisos trocistas e um diabo bi-sexuado atreveu-se a aparecer nos muros do castelo.

Oberon ergue o rosto, chama para o mundo a aurora dos elementos: o fogo, o ar, a água dos seus braços. Noutros sistemas estelares outros Duques e Reis lançam os mantos negros por viveiros de luas e de cobras. Oberon Justiceiro aponta o Sol — o Alvo! O belo corpo de Apolo há-de ser atingido em pleno coração! A flecha há-de mudar-lhe o peito augusto, morder-lhe os cílios de oiro, esses trinta assassinos! Um mar de sombra corre junto à flecha e sobre ambos uma luz violenta,

tal a luz que daria a carne de uma rosa sobre a qual incidisse misteriosamente um crepúsculo somado a uma aurora.

Um mar de sangue cobre a Terra, e a Vida. Morreu o Corpo-Rei! (um Corpo como há poucos!) As portas da floresta vão cerrar-se, crescer! É noite! é noite! cantam os regatos. Uma águia sai a rocha e lança-se do alto, marcando com o bico o espaço que lhe cabe.

Ser fantasma não é como já vem nos filmes. A coisa é outra. Mais esquisita. Maior. Para que venha o fantasma basta abrir uma porta. Para que passe o fantasma basta olhar de repente. É um negócio de olhos e de portas. Entra-se para brincar e sai-se morto. Foi destino? É acaso? As portas é que sabem. Entrai, saí, ficai, fazei como souberdes; mas saudai com reverência essa fronteira máxima!

O Fantasma Senhor Fulano de Tal, diz o Mordomo que anuncia o Conde. Estes porém são fantasmas de teatro, de sombra rala e escasso verter de sangue. Eu penso no fantasma que percorre o sangue, fruto feliz das entranhas do medo e consequente hermetização da vida. Lança um rasto brilhante como de caracóis. Vejo-o de olhos marejados de lágrimas, o passo certo atrasado, a força extinta. Uma lei que decerto tem razão mas a que não encontro a raiz necessária torna-o doido varrido. Hoje como há dez séculos um deus expulsa da vida o gesto incontrolável do desorbitado. Mas, aí, ficai sabendo: os séculos têm escadas, são como cidades. E se

ao findar do dia encontrais uma rua estranhamente deserta e como que isolada de toda a vivência podeis estar bem certos que, dois passos adiante, ou mesmo ao vosso lado, no castelo lunar de um portal mais escuro, há quatro mãos à obra de destruir tais tempos.

Angústia e maldição sobre esse largo a que chamam Rossio, a certas horas da noite, quando os fantasmas passam! Cônscios da sua grande Invisibilidade, belos das proporções que a natureza não erra, fortes da sua fome de realizar-se em luz, aí estão os Ausentes, os que Quereriam, os que Poderiam, os que Saberiam se os deixassem saber.

Caça! Caça ao fantasma! Caça, por excelência, espiritual. Renovamento de armas e de visco, intervenção cirúrgica, retinas suplementares. Ai! As nossas ruas libertam fantasmas que libertam vapores que libertam fantasmas. E tal como ontem, com o dr. Fausto, já nunca mais o sólido vai poder assimilar o gasoso ou, sequer, ensiná-lo a trabalhar.

É bem feito! é bem feito! gritam as cidades de que fomos excelsos construtores. É bem feito! é bem feito! gritam os fantasmas disfarçados de maços de cigarros. E das copas das árvores pintadas escorre um licor muito frio que é proibido pisar.

Sonho um barco em naufrágio, e um mar tão fundo que a descida do abismo é lentidão sem fim. Os afogados, no castelo da proa ou subidos aos mastros, interrogam

sem resultado o seu novo horizonte. Desce-se? Sobe-se? Ou simplesmente oscilam? Alguns, mais ansiosos, experimentam lançar-se desde o mastro grande, todo obscuridade, para o caos sereno e azul que envolve tudo. Mas o gesto é inútil: permanecem pairando, o corpo em cruz, até que voltam ao ponto de partida. Outros propõem remar. E entretanto descem lentamente o abismo.

Há notícia de um barco que emergiu do fundo com todos os seus mortos e uma certa vida ganha lá em baixo. Os espertos disseram, em letras de jornal, que o fenómeno ali fora devido a uma caixa de ar não invadida pelas águas. Assim fecham na cara do inocente as raras portas de acesso a uma probabilidade de comunicação que o excede. Os donos deste mundo fazem de toda a morte uma palavra *vaga*, sem relação com as forças diurnas. Esquecem que no «bicho-monstro» que habitamos a morte está tanto à obra como a vida e tem passos de titã que brilham à luz do sol com cintilação única.

Deviam ser muito belos, assim maravilhados e maravilhosos, nos seus sudários de água! Decerto em circunstância idêntica à de outros afogados tinham resolvido *agir*, colando braços, pernas, boca, às velas marejadas, na comunicação de um segredo de amantes para o qual nos faltam palavras e em relação ao qual permanecemos vivos e inábeis. Quando o navio desimergiu a pique na superfície marinha, alteava quatro homens unidos ao *aparelho de força* e libertando formas multicores para o Dia da Terra.

Suprema dádiva, esta! Como resposta condigna — quero dizer: para tolice bastante — os naturais da região, depois de fuga em massa e resultantes deliberações, foram tirá-los dali como quem prega moscas num alfinete e enterraram-nos juntos, após breve ofício. Mas eu quereria poder ter fixado o riso que eles riam, quase à flor da pele, onde já não caía a água benta dos vivos.

Pois pois pois e pois pois: Titânia é uma grande «inventora». Não que seja intriguista, a intriga vem-lhe por fatalidade. Diz, por exemplo, a uma companheira de ocasião (Isménia), às cinco horas da tarde, subindo a Avenida:

«Noite tão clara que está hoje, não está?»

Quando a farta o tesouro da experiência pessoal — ao qual pertence sem dúvida aquele estranho episódio «Esposa de Pàpàrikáss Pendurada de Uma Janela a Arder» — Titânia inventa descadaramente, ingenuamente, as coisas mais absurdas. Deixa o estilo realista, parte à aventura!

Eis parte de uma história que Titânia inventou para um menino ao que parece pobre como as ratas e como as ratas vivendo do rio:

Filho de Boa Família:

Desta vez era um marinheiro que estava sempre com tanto sono que nunca fazia a continência.

Mandaram-no então para Santa Clara a ver se teria remédio.

O remédio foi que assim que lá chegou pegou em todas as camas da camarata, pô-las umas em cima das outras, em forma de couraçado, meteu-se dentro e desatou a dormir. Ainda por cima, colocou nas portas daquela enfermaria uma invenção campainha-maquinismo-vassoura que batia com força nas pessoas que tentavam entrar. Os enfermeiros, porém, entraram pelas janelas e foram lá saber o que era aquilo.

«Não mo pergunteis» respondeu o marujo.

E virou-se para o outro lado.

Muito excitados, os enfermeiros foram comunicar aos superiores, que foram contar aos amigos, que foram dizer às irmãs. Estas resolveram aparecer de repente.

Quando o carro eléctrico foi embora formavam uma grande bicha à porta do hospital. Entradas na enfermaria — o maquinismo não batia em irmãs — deram duas voltas à praça, a ver como era dentro. Era exactamente como se supunha que fosse, vista de fora. Para tentar outra coisa, resolveram saltar à corda, ao avião, à estrela, e acamaradar. Fizeram de índios, de polícias, de cantoras, de tudo enfim que lhes veio à cabeça. O improviso findou com a execução, a várias vozes terríveis, do seguinte entremez:

Marinheiro marinheiro
diga-nos lá o que tem
as barbas do enfermeiro
por aquela porta vem

Por aquela porta vem
pela outra sairão
vamos já fazer também
um maquinismo-invenção

Semearam campainhas-maquinismos-vassoura por todos os lados e, como chegasse a noite, deitaram-se a dormir.

No dia seguinte, o jardim que envolvia aquele pavilhão estava cheio de dentes de enfermeiros. Quando os homens da limpeza telefonaram a mandar vir mais uns carrinhos extra, as irmãs riram muito e disseram adeus da janela. Depois foram tratar do marinheiro.

Este já tinha acordado e distraía-se com os dedos da mão, da seguinte maneira: primeiro levantava um, depois o outro, depois os que faltava levantar. Quando estavam os cinco bem espalmados, encolhia-os de novo e voltava a fazer. Esteve naquilo até ao fim da manhã, hora a que se cansou, tocou a campainha e requereu alimentos.

Então a mais sabida de todas as irmãs, uma que até já tinha posto um lindo vestido roxo numa festa de mães, resolveu fazê-lo render pelas fomes, resolveu atacar.

«Marinheiro», diz ela, «nós queremos a tua cura e connosco a nação. Mas hás-de nos dizer porque tens tanto sono e o que estás aí a fazer.» (A continência era o menos, pensava ela. O preciso era fazê-lo actuar.)

Mas a resposta foi: um horroroso silêncio. A irmã fez beicinho e desatou a chorar, revoltando tudo e todas. Adiantou-se outra irmã:

«Parece mentira marinheiro não te importares com as lágrimas duma irmã tão bonita! Que vergonha para ti e para a nação. Diz-nos ao menos como te chamas para não estarmos aqui com um desconhecido.»

Aqui o marujo pareceu comover-se. Soergueu um pouco o busto, olhou para baixo e respondeu mansinho:

«Jacaré.»

Ouvindo isto as irmãs foram logo, já todas contentes, consultar o arquivo a ver se conseguiam uma informação. Mas o único jacaré que encontraram (António Ferreira da Jacaré) tinha saído da Marinha há um ano e não era nada parecido com este.

Tristes e despenteadas sentavam-se na relva a ver anoitecer, quando eis senão quando atravessa um lagarto.

«Que fazem vocês aqui?» perguntou o lagarto, que nunca vira tantas irmãs ao mesmo tempo.

«Ah, nós...» exclamaram elas desalentadamente.

«Então não sejam parvas, venham cá», disse o lagarto.

E meteu-se para dentro dum buraco.

As irmãs foram, e eis o que aconteceu:

«Irmãs», disse o lagarto depois de tirar o casaco, «esse rapaz que ali está é meu filho, o melhor dos meus filhos. Tenho outro, serralheiro, mas esse não interessa.» E cuspinhou para o lado.

«Seu filho?» retorquiram as irmãs. «Mas ele é marinheiro e o senhor é lagarto, não pode ser, não condizem os nomes!»

«Tenho muitos inimigos», revelou o lagarto, «mas estou disposto a vender cara a vida!»

A história acaba aqui. Não porque esteja completa: por desnecessária. Quando Titânia estava a chegar ao melhor o tal menino pobre como as ratas morreu de febre, espanto e abandono. Friagens, diagnosticaram depois as velhas inumeráveis que sempre vão fumigar a funeral de menino. E como Titânia não cumpre um destino literário, e até mudava de montra se lhe falassem nisso, respeitemos.

Um grande viajante muito amigo meu, ao qual leituro às vezes as passagens bonitas, quase sempre incompletas, do que vou escriturando, acaba de emitir um juízo grave e nada particular sobre a minha heroína:

«Essa tua Titânia é uma fraude, rapaz. Falas em hermetismo mas só porque te quadra esconder qualquer coisa que não respira, estrebucha, não caminha, arrasta-se, *não se levanta*, pende. Pois tu não dizes é alta, baixa, loura, morena, encarnada, branca. E as mamas, rapaz — secção fundamental — não te enlevam as mamas? Nã, assim também nã (o meu amigo anasala bastante). Titânia é um fantasma, Oberon dois fantasmas, Julião três fantasmas numa cidade fantasma. Ora vai actuar para outra freguesia!»

O dito, dito. Tomou o autocarro, fez adeus, abalou, e, com ele, a clareza, a autenticidade que eu sempre ambicionei para o chão de Titânia!

Ora o que o meu amigo viajante não sabe é que temo incorrer numa revelação que se torne excessiva, delatora, até! O amor também tem os seus enganos, ca-

ramba! Mas já que posso ser negramente acusado de asfixiar pessoas dentro de cestos miaus, resolvo esta notícia, de que há-de tirar mais de um significado perturbante:
o corpo de Titânia, esse corpo que vive de encantar os homens, de ameaçar a útil estabilidade dos lares, esse lindíssimo contraveneno ou mesmo só veneno muitas vezes mortal, o corpo de Titânia — ah! vou dizer demais! —, *o corpo*, NÃO EXISTE. Há muito que lhe limparam o sebo.

Um poeta ancião, grato aos ritos humanos dos seus deuses, escreveu um dia, em duas penadas mestras, que o Amor é Duplo e Muito Contraditório. Eu não acho. Acho-o Corpóreo, Uno e Antimuro. Mas como nesta coisa de autoridades melhor é invocar ditirambicamente um pensamento idóneo do que esfiar análises imbeles, ouçamos o poeta grande e antigo:

«Naquele tempo em que os homens falavam, e feitas todas as somas e subtracções necessárias, descobriu-se que havia dois anjos do amor.

«Um deles tinha tudo: paz de espírito; comida; o consenso das pátrias. Era a Vénus Terrestre, a Anadiómena, essa que é inteiramente bela. O outro não tinha nada: era a Vénus Celeste, depois também chamada Urânia da Conceição.

«Pobre de todas as coisas era pois muito esta. De seu só tinha o ar que vem do ar e que não se pertence nem se acaba; que modela o contorno dos países, muda

a vida dos homens e a posição dos astros; mas não pode ser rio; nem cidade feliz nem sombra farta.

«Pois é seu corpo o corpo de um desejo; seu hálito, as monções e o amor da eternidade; suas mãos, o contorno de um homem que pensa.

«Era uma Vénus Feia, esta Vénus Celeste.

Aqui, depois de algumas considerações que a consciência moderna acharia enfadonhas, a parábola muda de tom e de registo:

«Assim foi por um tempo e outro tempo e mais metade de um tempo.

«Até que um dia a consciência dos homens começou a ficar muito ofendida com a Vénus Terrena que era uma Vénus que já tinha tudo e não deixava margem mas nenhuma a um saudável espairecer das coisas; que os queria sempre em casa porque naquela casa diz que havia tudo o que mais falta e vale a um homem que quer casa.

«E verdade sem erro, certo, muito verdadeiro: os homens conspiraram contra esta deusa cínica e deplorável.

«Agremiaram-se em corporações, civis, religiosas, guerreiras, matemáticas, directoras de estados e doutras companhias de andar pelo espaço fora, limitada. Mistérios órficos e outros que tais.

«E numa noite espantosa em que o céu ficou todo traçado da espuma dos cavalos e se ouviam estrondos como de luzes.

«Os homens ocuparam as janelas dos mistérios que havia e disseram alto e bom som a todo o ouvinte:

«O Homem É Maior que a Natureza! E Mais Belo que a Terra, seu frágil suporte!

«Muito sangue correu naquela noite. Sangue do espírito, se pode dizer-se assim. Naquela noite em que os filhos do homem se ofertaram todos a Urânia da Conceição.

«Fadas, Gnomos, Sicários do Infinito, Projectos de Aeroplanos, Artes de Ir Estando Quieto, Grandes Rios Sem Margens — eis que chegam às suas latitudes estas crias estranhas das cabeças dos homens.

«Que foram pelo ar fora, encantados da Vida que é Ciência e Poesia — macho e fêmea do corpo da imaginação.

«Mas quando em tais campanhas se coroaram reis, estrugiu zangata e guerra no universo. Guerra entre todas péssima; pois, uma vez travada, nem loucura divina nem razão humana a poderiam, nunca, destravar.

«De irmão para irmão, de casa para casa, dois rostos inimigos se encontraram. Não haveria síntese para eles? Os cavaleiros armados na Terra promulgaram castigos horrorosos para todo o cavaleiro encontrado no Céu. Os cavaleiros armados no Céu inventaram maneiras de cantar nos suplícios.

«Veio então a Idade Média, da qual já não percebo nada, e

«Acentuaram-se as complicações

«Em que os filhos da deusa que tem tudo movem perseguição bastante movimentada a estes filhos de imortalidade por óbvias várias causas naturais. Principalmente: moralidade e heranças.

«Pois muitas vezes, agora, a deusa que tem tudo fica mesmo sem nada e a deusa que nada tinha fica com tudo,

«O que é contrário às limpas administrações sendo idêntico erro feito doutra maneira. Feito doutra maneira. Feito doutra maneira.»

Puxa! Olhem por onde eu ia! Toquem para calar este evidente, esta verdade às riscas, este periquito dos séculos! A bem, a mal, com o olho luzido ou rebentado, não é nas ruas de Atenas que andamos. Como já adiante se verá.

Duas horas da tarde.

Titânia imobilizada pela chuva é uma estátua prestes a falar. Mas o gesto dos outros passa-lhe adiante. É tão culpada do seu próprio desejo! Velou-o noite e dia, não fosse ele morrer, por distracção, nalguma via pública. Agora é ele que a vigia e aquece. Não a deixa cair! No mundo dos sentidos, como no das imagens, o acontecimento é mágico e oculto. Que sei daquele corpo que foi meu-tão-meu-tão-totalmente-meu? Absolutamente nada. As mãos são dois fragmentos, a palidez da testa nos cabelos espanta. Carácter demoníaco da nossa celebrada ci-vi-li-za-ção: em varandins a que chamam empregos os homens esperam a noite como gatos espreitam o telhado. Se já faz escuro, saltam. Sem se magoarem! Depois, já não se lembram. Certas marcas suspeitas, um desalinho na camisa e nos olhos deixam-nos absortos. «Eu não fiz isto!», exclamam.

Em frente de Titânia apodrece um cinema. Também lhe chamam circo (talvez porque está fechado). Abrigados da chuva interminável, alguns dos desocupados

do costume. Mas para Titânia, hoje, não haverá comércio. Veio só ver. Espantar-se, mais do que admirar. «Não. Não podem ser estes!», exclama, em confusão. Tão *vagos, tão incertos, tão pobres de claridade!* Passagem de: o Carlos. O Carlos ainda não entrou na história. Anda de cá para lá e nem debaixo de chuva lhe desaparece aquele gesto (sóbrio) de inquietação. Desde a idade viril que procura uma coisa, uma só, mais nenhuma, a própria do seu corpo e do seu alimento. Ainda não encontrou e ele pára, à espreita. Tem andar de gato. Vai ser punido por lei.

O Carlos sabe que Titânia existe e que existe para ele. Por isso, quando depois de breve exame aos cartazes o rapaz faz menção de entrar na escada, Titânia foge depressa até ao segundo andar. Depois, já a sorrir, espreita para baixo. A cabeça do Carlos... Que vertigem!

Do eléctrico sai uma criança, e o polícia, que não ficou espantado, integra-a no trânsito, com um gesto da mão. Eu e o Duque da Terceira, únicas testemunhas do mistério que assiste ao chão desta cidade — uma cidade que vive isolada no espaço! — olhamo-nos de lado, sem trocar palavra. Depois o gatuno sentou-se, queria contar tudo como foi. É nítida a intenção de impressionar. Mas quanto mais mentia mais verdade se lhe dependurava do casacão gigante. Acabado o desabafo, o homem pareceu mais alto, mais completo. «Vou ao cinema», disse.

Da carroça que naquele interim se postara de novo frente à escada emergiu um carrinho e, deste, um leque aberto, que espalhou a noite. Todo o mundo se amava

pelos olhos. Até o polícia, que escolheu uma atitude máscula de bailarino raptado e pelos olhos se fundiu com a treva.

Em obediência a ordens especiais a chuva amaciou, deu a mão às pessoas. Parece que o cinema vai reabrir. Há bicha, luz, uma velha com bolos. As estátuas de certos monumentos saem dos pedestais, desaparecem. O minúsculo lugar que Titânia ocupava, em frente do cinema, está deserto.

Para falar, ainda é cedo. Para calar já vai tarde. E se houve alguma história para contar não é esta. O rosto de Titânia reverbera na sombra, é inútil chamá-lo a clarificações. No entanto, um certo fio condutor estaria de bom tom, reconheço: daria uma ilusão de realidade aos que precisam de ilusões dessa estirpe. Há princípios? Há fins? Há verdade e mentira? São punidos os maus? Exaltados os simples? É bem possível sim senhor. Para quem gosta. Titânia, porém, é outra coisa. Tem mais a dar e a ser, não pode ser por aí. Começou com Julião, deu uma volta ao sol, regressa para abraçar a figura do Carlos. É como a construção de um edifício: primeiro andar, segundo, quarto, quinto. Até que tudo desaba, a terra treme, as casas abandonam as pessoas. Fica-se, nu, de uma nudez *exemplar*.

O Reino das Escadas, o Reino das Fragatas, o Reino dos Jardins, o Reino de Oberon. Titânia espera a sucessão de um Reino com guardas próprios, passagens, escadarias, guardas da vida e da morte, traidores, espiões, heróis. Oberon Manto Negro, Oberon Triunfante, Oberon

de Perfil e Oberon Menino são as colunas de uma catedral que viaja nos olhos de Titânia.

A ascensão será um gesto decisivo, tenebroso, lento, sem país, sem armas. À altura do peito, o Grande Dia Amante, a Conjunção de Estrelas: O Naufrágio na Luz. Uma Guarda Especial, encarniçada, loura, povoa sem descanso o chão da antecâmara. Qualquer olhar profano é culposo, é MORTAL.

Oberon reencontrado tem-se imóvel, espectral. Descingiu-lhe a cabeça a coroa flamejante e as suas mãos despedem planícies escuras onde escravos e gnomos do palácio foram esconder a palidez do medo que os domina: temor do perigo enorme por que passa o seu Rei.

Titânia vem dos olhos de Titânia. É a Desconjunção. O Tapete Voante. Audaz. Determinada. Possessiva.

«Titânia:

Não sei porque me evita. Será impressão minha? Não desfazendo, tanta daí me quer vestido de noivo, e a Titânia a pisar o risco, a encher-se de plumas. Não sei porque faz isso, eu não sou mau de todo e também a tenho visto e ouvisto só, sem ninguém a seu lado.

A Isménia já sabe que dentro de poucos meses vou para Gaia (Barbearia Ferraz). Ela também é de opinião de que falando é que as pessoas destinam.

Seu

Titanin.»

«Titânia:

Os Seres Quadrados não me deixam ver-te e dizem que vai haver uma revolução. Que tenho eu com isso? Ainda se ao menos a gente pertencêssemos!

Fui agarrado pelos da Praça Grande, mas nem ali nem em lugar nenhum andava a fazer mal. Aturava as pessoas que eram boas para mim.

Não escrevas, não vale a pena. Ou, se quiseres, manda para a Ferraz. Lá irei dar um dia, não sei quando.

Teu, sempre

Titanin.»

«Titânia:

Soube da vida dissoluta que estás fazendo aí. Que não estudas nem nada.

Aconselho-te a ires para outra cidade.

Teu infeliz tio

Arquimedes Lontano.»

Titânia riu malévola: eu te dou os estudos! E nessa mesma noite foi para a da Zezinha, na ideia de ombrear com as melhores ouvindo atentamente os conselhos da Mestra.

A Zezinha, porém, terminara as janeiras, tinha mais que fazer: deitada, pançuda, a cabeça monumental cravada no madeiro da cama, cruzava as mãos por cima da barriga e dali dirigia a golpes de ternura e de intolerância a complicada ordem da pensão. Não era preguiça era certeza o que o leito da Zezinha respirava. Sobre ele recebia amigas e inimigas, distribuindo pão quando era de dar pão, misturando veneno se aparecia cobra. Partidas, «malandrages», muito poucas, já não estava na era, dizia ela. Mas, de quando em quando, uma corrida célere, temível, em direcção a alguém que, noite alta, tentasse perturbar a ordem instaurada. Então, era um comboio que varria tudo até à estação de chegada:

«Queres bater? Queres bater?»

Frente ao monumento trepidante de cólera, o rapazola baixava a grimpa:

«Eu não bato em ninguém», mugia, mordendo os lábios, «eu só estava a dizer...»

Zezinha, num rugido:

«Tem nada que dizer! Vá dizer prá pelícia! Já cá não ficas hoje, isto não é covil!»

«Eu cá paguei», repontou o rapaz.

Abalo vertiginoso do comboio até à estação de origem.

«Toma pra lá a merda dos cinco paus! Vestir e desaparecer! Tu e o teu irmão.»

«Dominada a intentona, a Zezinha voltava ao leito hierático, já toda ela capaz de ternuras, a anca larga a enfunar-lhe as colchas.

A Roseta, que era dos teatros, assistia a muitas destas lidas. Noite sim noite não aparecia na casa, trazia notícias. Vinha com a Doble-Quina, que animava sempre.

«A Chá foi para o Brasil. Tratado das Atlânticas.»

«A Doble-Quina cortou. Diz que tinha de bico.»

«Que horror, gemem as donas. Não pode ser, não vamos acreditar.»

«De bico. Sei o que vi.»

«Vai já para o bloque-notas. Página-balão.»

O leitor compreenderá. «Ter de bico» é actualmente, em Lisboa, algo como a febre amarela no século XIII, em Viseu.

«A Galinota, a Lala e a Marquesa foram até Espanha. Andavam a comer o liceu todo de Faro.»

«Ah!» fazia a Zezinha metida no quarto. Era o mundo a deitar-se-lhe aos pés sem que ela fizesse um movimento para isso. Finas, ordinárias, disfarçadas, corruptas, sabia de todas, nunca se espantava:

«Vocês hoje só têm o pior. Haviam de ter visto, quando, a mim, me levaram aos xòféres! Homens, mas homens! Avenidas deles! Era só chegar. Galga!! (Grito estentórico para a ajudante de serviço à porta.) Nã. Não era isto! Fazia-se vidas! E mais pintura, meninas, menos interesse. Até os arrebentas tinham boca: queriam ser beijados!

Depois entrou a pelícia a matar tudo. Queriam mais moral e não ficou nenhuma. Nunca mais ninguém pôde ter o seu homem.»

(Surgimento da Galga: muito alta, muito branca, muito educada, tinha umas mãos enormes, quase a rojar o chão. Celebrizara-a as «vidas» com a Chazinha, com apoteose final num baile em Xabregas, réplica popular, força é dizê-lo, a um quase esquecido baile de Cascais, de muita aristocracia e morto e tudo. Em Xabregas, o último voltarete fora marcado por irmãos e cunhados (dos varões presentes ao salsifré) rachando portas a punho e à machadada num movimento espiral que só parou na fachada interior do edifício.)

«Ficou só poeira. Só cheirete. (Estentórica:) Metes-te co'eles! Abre-lhes a porta!»

Não era verdade e a Zezinha sabia-o. Mas impunha o respeito. A Galga aparava, puxando mais a si o casibeque terrível, de gola alta em pêlo de raposa, lembrança dos garden-partes de Xabregas.

«Abri ao Fincas», explicou.

«Abriste à merda», repontou Zezinha.

Coro das salamandras, já na rua:
«Retirada, e a tempo!»
«Autêntico. Uma Senhora.»
«Ainda tinha o seu lugar mas nunca quis.»
«Subiu o que tinha de subir! Sempre protagonista!»
«Generais e tudo!»

Judite transbordava de amor ilegal. Era a desesperança organizada. A corrida de rampa. O panteon das flores. Pagava quota à dos Socorros Mútuos para, quando fosse velha, ter o seu cigarrito. Até lá, andando! E, sim, andava! Com uns olhos e um jeito de estontear punha a cabeça doida à briosa, à catita, a todos, enfim, quantos quisesse matar. Esta facilidade exasperava-a. Era das poucas que olhavam de frente a vala onde caíam inexoravelmente todas as tentativas da pureza. Cidade que só dava para o deboche. Andando! Mas recusava sistematicamente toda a lembrança, toda a recordação. Deitava fora os maços de fotografias que as outras exibiam como troféus de caça.

«Não quero colecção. Não preciso de imagens.»

Titânia aprendeu com ela muita coisa. Principalmente: o ataque à paisana:

«Assim, assim, e assim. Escadas e tudo.»

«Ah. Mas não é perigoso?»

«Fazendo muito, é.»

Andaram juntas um Verão e um Inverno. Judite foi censurada por perder tempo e espaço com uma moça fan-

tasma. Titânia amava-a muito por causa dessa diferença.

Rio abaixo rio acima esfiavam projectos um tudo-nada cínicos já que a ela, verbo feito carne, tanto se lhe dava os dele como os de outro qualquer, já que a ele só uns importariam: os do exaustivo amor. Palavra puxa palavra, beijinho puxa beijinho quando eis senão quando o moço tira para fora o programa oficial da cerimónia: andanças, querias; outros rapazes, era o que faltava; conversas à porta de casa, todas; cinemas, sim, mas com viseira; e enforcamentos diários, caso não cumpras.

Este «caso não cumpras» foi dito tão especiosamente que Titânia sentou-se.

«Caso não cumpras», aferiu ela. «Caso não cumpras...»

«Sim. Caso não cumpras, enforco-me. Enforcar-me-ei sempre que necessário.»

Olha que este é de força, pensa Titânia.

«Não, eu gosto muito, muito, mesmo, mas lá a minha liberdade, não.»

«Vou ficar outra vez sozinho», lança o rapaz, num gemido. Daí ao relato fiel de um exaustivo amor há pouco terminado («Acabou! Acabou!», proferia o rapaz, com voz de lobo) foram horas de soluços, de carícias, de murmúrios, de infracções.

Quando o rio exauriu a confissão de Nuno, Titânia atirou rápida:

«Você gosta é dela.»

«Pois gosto», disse o rapaz. Mas acrescentou logo: «Vamos fugir?!»

Titânia:

«Estas coisas não podem ser assim. Há amizades, percebe?»

«Então está bem. Vai-te embora. Depressa.»

Amerceou-se dele. Tocou-lhe o cabelo revolto, depois a face:

«Não fique mal comigo. Eu é que, realmente...»

«Tira para lá a mão, também já não é precisa. Agora põe-te a andar.»

Titânia pôs-se a andar.

Quando começou a acontecer «aquilo» as caras das pessoas pareciam aviões. Em alguns pontos altos a água contraditava as leis da gravidade, *não vinha para baixo*, formando bolbos que só a criança olhava sem apreensão. E o vento passou a apresentar uma densidade quase corpórea (sem ser questão de maior incidência de sopro): quase se lhe podia andar em cima, e, mesmo, tomar café. No rio, bloqueava como matéria dura o costado das embarcações, que adornavam até ao inverosímil. O número de Voantes aumentou consideravelmente e alguns Seres Quadrados, tradicionalmente isentos do fenómeno, acusaram o síndroma de Procópio's Town.

Sobrevindo o Outono, algo ainda mais inédito aconteceu: um estimado comerciante da zona velha abriu uma barbearia no cocuruto de um prédio; e, vinte e quatro horas depois, um desconhecido montava, no telhado fronteiro ao da barbearia, uma venda de flores artificiais.

Os Seres Quadrados riram a bom rir. Era a verve do povo a manifestar-se, ainda não se podia levar a mal! De facto, os filhos de Procópio's sofriam de desequilí-

brio durante as mudanças de estação. Tempo atrás fora um bombeiro, rapaz apessoado, que levara à boca uma agulheta e abrira a água a quanta força tinha. Lida a carta, soube-se que o alienara uma insuportável sensação de calor, nas mãos e nas entranhas. Da mesma série a velha que se lançara do zimbório de Mosca's Basílica gritando desesperadamente até que veio ao chão: «Dois e dois, caco!»

O barbeiro e o florista excediam porém os limites do aconselhável, podendo concitar a imaginária comercial de todo um bairro. Foram-lhes pois fechados os estabelecimentos e pronunciados os donos, os quais, inopinadamente, declararam motivos estranhos demais para serem creditados como autênticos.

Disse o da barbearia, logo de entrada, que iam acontecer «muitas coisas» dessas e doutros géneros mais, pelo que lhe aplicaram o primeiro grau, instando-o a que dissesse claramente a que espécie de coisas se estava referindo. Com o braço que tinha livre fez um movimento largo, género rasante, que ficou sem melhor explicação. Novamente instado, fechou-se no mutismo com que resistiu ao terceiro, quinto e sexto grau aplicados. E embora demonstrando muito ânimo e invulgar capacidade física, expirou sem atender ao que se lhe pedia.

Maior loquacidade mostrou o das flores, que falou todo o tempo necessário, jurando por sua honra que não tivera espécie alguma de presunção, que a ideia floral fora só dele, com vistas a assegurar aos amigos voantes um estabelecimento confortável tanto pelo local como pelo acesso. Só conhecera o pretenso cúmplice (disse

apontando o morto) no dia de abertura da barbearia; o que achara bem; e fora apenas o êxito constatado o que o levara a abrir o estabelecimento congénere. Terminou dizendo que tinha filhos, voantes e marinhos, além de um sobrinho quadrado, para o qual apelava. Mandado para dentro por dois dias foi-lhe servida broa e uma chávena de água. Reconduzido, expirou ao séstimo grau (dose de compromisso entre o sexto e o sétimo da tortura).

«Não fui homem para ela, esta é que é a verdade. Vivemos agarrados a uma ideia de posse e quando chega a altura da realidade desembrulhamos muito mal os braços que deviam estar livres, ainda que paralelos ao ideário motor.

Os médicos, lá fora, têm nomes esquisitos para este desequilíbrio na física normal da imaginação. Deixá-los ter. Tão pouco resulta defender-me com o carácter fantomático de Titânia. Titânia surgia extravagante, mas confessadamente extravagante. Vestia-se de rapaz e, quando assim surgia, gostava que lhe chamassem Titanin. «Mas quem é Titanin?», perguntávamos, aflitos. «Sou eu. Eu sou Titanin. Queres ver?» Subia a um telhado, lançava mão do vácuo e em vez de morrer mesmo — morrer como é preciso que se morra, cair lá em baixo, espatifar-se, abjurar! — voava lenta, inefável, de barriga para cima. Não posso pois dizer que não estava avisado. Mas, ah, quem me tivesse avisado doutra maneira!

Acho estranho a palavra espiritismo. Apesar disso, foi numa reunião de espiritas amadores, levada a efeito aos

Anjos, que conheci Titânia. Os donos da casa, jovens intelectuais, tinham-na convidado para a mesa. Creio que foram iludidos na expectativa porque se, de começo, Titânia era toda sustos e pavores, para o fim já traçava a perna e fazia perguntas abissais:

«O Rui vai para Monsanto ou vai para Elvas?»

A assembleia, um tanto desnorteada, resolveu proibir perguntas daquele género. Mandaram vir o Pitt (espírito britânico de grande concentração) e começou-se a sério.

A mesa escreveu isto:

> *Peço-vos que funcionem mais com a inteligência do que com o valor das palavras. Visto daqui, os homens não agem. Não se movem tanto como micróbios perante uma grande lente. À distância, o movimento de um braço não se vê. Ao perto, produz bofetada. Assim os movimentos «reais» têm uma extensão de séculos e não de anos ou reinados. A LUZ QUE ESTÁS TENTANDO FIXAR TEM DE SER MUITO MAIS INTENSA E A ESCURIDÃO MUITO MAIS CERRADA.*

Ficou tudo varado. Acenderam a luz e começaram com as interpretações.

Eu cheguei nessa altura, infelizmente. Titânia como que se havia retirado. Estava e não estava, um desdém estrangeiro tomava conta da sua mudez e nos olhos

urdia um fumo de ameaça. Encarou-me como se eu viesse do outro lado do mundo, mas, depois da apresentação, animou-me bastante. Chegámos mesmo a empernar com veemência. Com o que, a sessão deveu acabar ali. «Que estava tudo muito desconcentrado», argumentou o director dos trabalhos.

«Desconcentrado? Não sinto», ripostou Titânia. E foi para o espelho pôr uma raposa.

Nestas condições, a descida da escada foi uma aventura e a porta da rua uma libertação. Eu disse que podia levar Titânia a casa. Os outros aceitaram distraidamente.

Dando a direita à moça eu observava a sua estranha beleza em movimento. O fato de rapaz andava nela como *um homem em cima duma mulher!!* «Titânia, (implorei eu em silêncio) voa um bocadinho...» Mas nesse mesmo momento ela voltou-se e eu fui apanhado na ratoeira.

«Senhor» ciciou ela carinhosamente, «diga-me versos seus...»

Foi como uma pancada na cabeça! Os meus versos, necessito dizer para compreensão do que segue, são dos tais que nem toda a gente entende. Quer dizer: provocam, nalguns espíritos mais desprevenidos, uma estranha espécie de zanga, para não dizer: farta incredulidade. Eu sei isso e não digo a não ser em algumas ocasiões escolhidas. Como então ir dizer, na R. dos Sapateiros, e a uma moça daquelas, versos que inteligências gradas consideram obnóxios?

Ela estava parada no passeio, à espera. Ao fundo, negros, num silêncio enorme pulsavam os dois vasos arteriais do elevador de Santa Justa. A superior complicação daquela ferragem toda quis então vir pesar, numa grande impiedade, nos delicados ombros da rapariga. Ela aguentou aquilo sem um gemido.

Então fez-se dia, as ruas foram todas para aqueles sítios certos que todas elas têm quando já não faz escuro e há gente a comprar e a vender, farmácias, ourives, canetas, cinco horas, seis horas, sete horas. E houve noite, outra vez, e despovoado, e o elevador ao fundo a subir e a descer mãos amarelas.

«Olha Titânia», disse eu em voz melíflua, «isso dos versos fazemos depois. É ridículo, na rua, à luz do candeeiro.»

Resposta:

«Tenho um amigo que diz em toda a parte. Bem bonito rapaz! Esse é mesmo poeta. Faz fados, sabe? Posso-lhe apresentar.» E brincava com o pé na berma do passeio, fingindo encantadoras distracções.

Estaria a desfrutar-me? Agarrei-a pelos pulsos, com violência. Ia mandá-la embora, comprar-lhe uma lição e duas grosserias (sua gaja!, etc.). Mas o diabo viu-me, tomou conta de mim. Passou de chapéu preto, olhou, requereu lume. Não fez mais do que isso. Mas, quando se afastou, eu recitava versos para Titânia ao ritmo saltitante dos passos que o levavam.

ESTE É O MEU PECADO ORIGINAL:

O poema que eu disse vinha da caneta de um poeta muito doce, desses que sabem preparar os seus versos

para ocasiões como estas. Louváveis poetas, estes, e que certos, afinal, no seu itinerário! A poesia que é da cama à cama deve, sempre, proporcionar, e nada de passeios pelos arredores! Quem teme a solidão que trabalhe de acordo, que não espante os pássaros. Mas, ai!, há pássaros espantados por natureza própria, minúsculos pássaros densos de mistério, com o bico cravado na caliça dum muro!

Titânia percebeu tudo, claro está. Isto é: os versos, nem mesmo aqueles percebeu, mas percebeu muito bem que eu a tinha enganado. Olhou-me:

«São mesmo do cavalheiro, não é verdade?»

Disse que sim, com um ar sorumbático.

«Ah. Tão bonitos! E fê-los neste momento, fê-los agora para mim, não é verdade?»

Disse que não, já num primeiro escrúpulo. Dos olhos de Titânia saíam duas lágrimas. Senti-me horrorizado. E ela veio a mim, quis tirar-me remorso: «Não imagine coisas, por favor. É sempre assim que eu começo a voar. Choro. Fico melhor. Desapareço. BOA NOITE AO CAVALHEIRO. EU ESTIMEI CONHECER.» Ajoelhei a seus pés, implorei que ficasse. Confessei o meu erro. Ah, disse muitas coisas! Disse, até, que, no fundo Romeu faria sempre o mesmo a Julieta: muitas muitas palavras de substituição.

«Não seja disparatado», retrucou Titânia. E, estendida para a frente, começou a voar. Perdi-a no fim da rua, já no beiral do último telhado. Creio que foi para África. Nunca mais a vi.»

Os menos desprevenidos emalaram tudo, espavoriram para o Longe, com irmãos e famílias, buscando entre a fuligem das bibliotecas uma página branca onde encostar a cabeça.

Às duas horas, toda a gente apontava o céu brilhante e escuro: um céu de terramoto.

Às quatro horas fechava o comércio e as organizações do território emitiam ordens bastante desconexas: achavam uns que devia buscar-se o alto-mar com o máximo possível de gente a bordo; comunicavam outros que era de evitar-se toda a proximidade com a zona costeira.

A partir das quatro abortava por excesso todo o sistema de salvação colectiva. Às cinco um mar de gente inundou o Rossio e começaram com as procissões. Às cinco e pico apareceu o Diabo mas desta vez com toda a sua corte, a qual se diz constar de 72 Duques, Condes e Marqueses e 7405928 Mafarricos Menores. Às seis horas precisas foi visto RIMBAUD. Às seis e meia os homens desmaiavam e mulheres surpreendentes corriam por todos os lados. Às seis e trinta e cinco conseguiram

apear, com mil dificuldades, o elevador de Santa Justa (torre e *passerelle*). Às sete menos um quarto apareceram AS MÃES e a terra tremeu pela primeira vez.

Às seis e dez Titânia levantou-se e comeu umas coisas para não ficar em jejum. Carlos esperava-a no primeiro andar: o beijo foi igual ao de todos os dias. Desceram devagar por Almirante Reis mas, chegados ao centro da cidade, evitaram as zonas por demais frequentadas. Tomaram pela Rua da Madalena e foram beira-rio até ao Cais do Sodré.

«Isto é o fim do mundo», murmurou Carlos.

Na vertical que podia traçar-se sobre a verde figura do Duque da Terceira, Sol e Lua brilhavam reunidos, com misturados efeitos específicos. A anulação do Tempo era tão forte que Titânia desmaiou. Teve então um sonho estranho, que nem mesmo Poesia poderá descrever: um país sem contornos onde todas as coisas eram outras e onde a perpétua transmutação de imagens atingia o fixo, o plano, o imutável. E num raio de treva resplandecente, do qual a própria treva caminhava a organizar dimensões e distâncias, Oberon Coroado, Oberon Manto Negro, Oberon de Perfil e Oberon Menino juntavam num só corpo todo o corpo do Homem. Quando acordou, faltou-lhe o amparo de Carlos. Olhou em volta e tudo era só luz (só sombra) de insuportável nitidez (pureza). Estava noutro local; talvez outra cidade?

Passagem de: o Diabo, Carlos, Juilão, em vitrinas de fogo, imóveis, sonolentos. O atelier onde as expectantes dormem é uma rosa fechada, circunscrita. Isménia: um blusão multicolor que não resulta, agora.

MORRE JOVEM O QUE OS DEUSES AMAM — maneira esculturina de dizer que os deuses também são umas feras. Titânia vai perder-se, acabar-se, NASCER! Já se lhe foi aos poucos a memória e o sorriso. Agora é o próprio corpo que lhe desaparece: um braço, o outro, tórax, pulmões, respiração, desejo, o intervalo das pernas. No fim subsiste a fronte, alta, livre, pura, ligada por um fio ao órgão-coração que pulsa incontrolado.

Oberon dá um pulo, atravessa os espaços, encerra numa caixa A Mistificadora.

Apolo vai voltar ao Dia da Terra.

Lisboa, 10 de Julho de 1953.

A CIDADE QUEIMADA

I. O NAVIO DE ESPELHOS

I. O guarda-fatos do mar entreaberto para a noite
pergunta-me se amo
e é toda uma paisagem de arcos flamejantes
deslocando-se a oeste
um castelo perdido entre duas visões
o cavaleiro descendo a falésia
depois de tantos amos tantas fábricas tantos
arquitectos do amor fitando o espaço

No alto das arquibancadas o rapaz
que lindo
encarna a vitoriosa lividez do dia

A mim porém o que me apetece é dancar
dar um salto comigo
de forma a que não me evole feito fumo
nem resvale às profundas feito nada

Isso isso
o reino de Pratazul
a linha de água
que suporta e separa
e contém os dois mundos
e ondula

II. Aqui a festa dos mortos

um chão sempre agitado

Salas de Permanência

Homens que experimentaram tudo

mesmo o corte à navalha

Nenhum mistério

sentada perto do fogo

a mão trabalha

(teu motor mordente, activo)

e também a doutrina

que um dia de festa calma

desenhou em todo o movimento

«MONTANHAS ALADAS» «PÊLO ANIMAL»

Uma cama de alarme antes da eternidade

III. Alto como a presença verdadeira
dos namorados descendo a falésia
este rio trazido à torre de Saint Jacques
punhal cravado para cima em cima de um chão
que fica
à espera de chegar ao outro mundo de noite
já que de dia não vem não vem (Deus como os
mais)
este rio deitado construído ensonado
trazido aqui por Descartes daqui levado por
Stendhal
não vai dar nem sequer para uma groselha comigo
quanto mais para o encontro com Deus que é
católico
com mais fome no dente do que as baleias na tripa

No entanto disse alto e verdadeiro amor

É que isto ainda dá horas ainda é tempo de querer
ainda é a meia-noite as árvores ainda
não devoraram tudo o que a este dia respeita
barco bêbedo de tanta torre bebida
escuna medrosa em cada vigia ao longe
barco homem que avança pelos telhados e ri à
hipótese de haver chão cá em baixo
e risca lentamente o ar com o braço
numa hipótese de música de concerto

IV. O Homem
abandona A Aventura
e torna-se
Um Negócio

Na Cidade
estrépito contra estrépito
Raimundo observará

O cavalo
Halifaz

Um soldado de segunda classe
morto en pleine jeunesse

Um delírio que começa como um jogo

Os pés na terra
o menos possível

V. Nunca estive tão só diz o meu corpo e eu rio-me
lembra-me alguém que se atardava sempre diante
de uma montra da rua da palma
a olhar para uma camisa que seria sua
assim que o ordenado lho pedisse
porque era aberta
branca
lisa
de praia!

Seis e meia sete horas
saltava da vedeta vinda do alfeite
e era como um gato
ia com os pés para a frente daquela montra
só para ver só para olhar sem ser reparado
só enquanto não fecham estas lojas

Esse ou o António, que gostava de homens
e não só isso como o declarava
dois e dois quatro a quem bem queria ouvi-lo
porque, dizia, ajustando o corpete
homem sou eu dentro da minha farda

Nunca estive tão só diz o meu corpo e eu rio-me
porque o corpo
é o corpo
não tem nada a fazer não tem para onde ir
não lembra não se lembra quer estar sempre
agarrado
suprimido apertado
e se é belo é pior
vive num amarrote permanente

Sim decerto matéria atrai matéria
a boca faz-se sangue o sangue faz-se esperma
a urina espera a custo que o esperma se faça
para vir de novo à superfície do ar
Quando o total atinje a sua forma ejectável
fremimos outro corpo outros lábios idênticos
mas do lado de lá como num espelho
nossa fiel imagem invertida

Isso o meu corpo quer — o corpo — noite e dia
ele julga que eu tenho a idade dele
que ainda só sei do homem pelo que transporta
a meia-nau sobre o alto das pernas
— o quadrado das ânsias respirando abertas —
— a diagonal dos braços formando centro —
mas o meu centro de aeração mudou-se
o espelho meu foi puxado para trás
e foca — admirado — a magnificência liberta

VI Oferecei-vos
o
in-com-pa-rá-vel

A lenta asfixia da cidade

Uma árvore

Cavalos também, mas só
para as reprises

levareis muito tempo para virar
o dorso

de flores que amam

de tal modo

o mar

VII. Tantos pintores

A realidade, comovida, agradece
mas fica no mesmo sítio
(daqui ninguém me tira)
chamado paisagem

Tantos escritores

A realidade, comovida, agradece
e continua a fazer o seu frio
sobre bairros inteiros, na cidade
e algures

Tantos mortos no rio

A realidade, comovida, agradece
porque sabe que foi por ela o sacrifício
mas não agradece muito

Ela sabe que os pintores
os escritores
e quem morre
não gostam da realidade
querem-na para um bocado
não se lhe chegam muito pode sufocar

Só o velho moinho do acordeon da esquina
rodado a manivela de trabuqueta
sem mesura sem fim e sem vontade
dá voltas à solidão da realidade

VIII. Do Amor
Cor
de Muralha

Todo o homem
é capaz

Aqui tens as palavras
e as rosas

Faz uma maquette

IX. O navio de espelhos
não navega, cavalga

Seu mar é a floresta
que lhe serve de nível

Ao crepúsculo espelha
sol e lua nos flancos

(Por isso o tempo gosta
de deitar-se com ele)

Os armadores não amam
a sua rota clara

(Vista do movimento
dir-se-ia que pára)

Quando chega à cidade
nenhum cais o abriga

(O seu porão traz nada
nada leva à partida)

Vozes e ar pesado
é tudo o que transporta

(E no mastro espelhado
uma espécie de porta)

Seus dez mil capitães
têm o mesmo rosto

(A mesma cinta escura
o mesmo grau e posto)

Quando um se revolta
há dez mil insurrectos

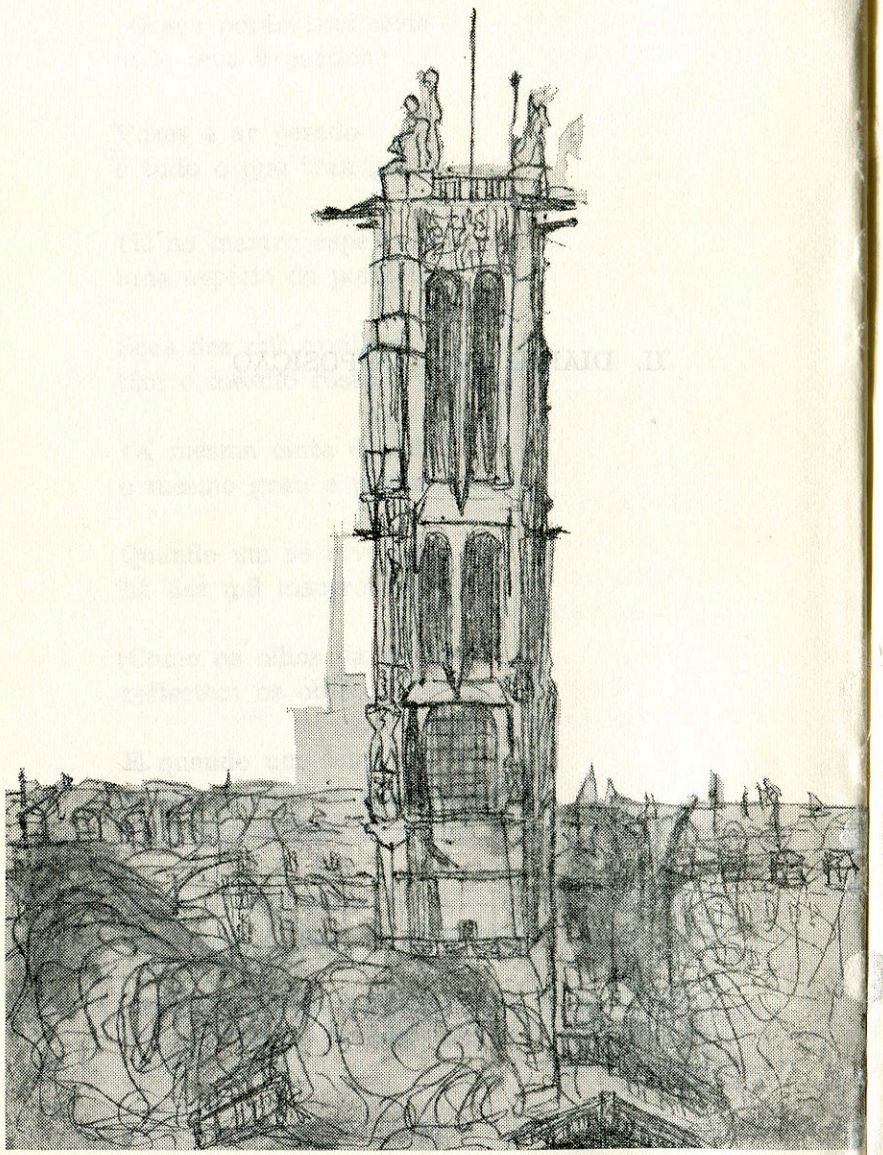
(Como os olhos da mosca
reflectem os objectos)

E quando um deles ala
o corpo sobre os mastros
e escruta o mar do fundo

Toda a nave cavalga
(como no espaço os astros)

Do princípio do mundo
até ao fim do mundo

II. DIÁRIO DA COMPOSIÇÃO



A Torre de Saint Jacques de La Boucherie tal como ela não é actualmente

27 de Maio

Há dois meses que fujo a S. Germain e passeio com frequência nos boulevards da margem direita, sobretudo por Reaumur-Sebastopol, que me leva à Praça da República e aos cinemas de S. Martin. Neste dia, 27 de Maio, encontro finalmente uma esplanada que parece à medida da minha necessidade: está sem ninguém, fronteira a um jardim gradeado onde passeiam crianças e árvores altas escondem até mais de meio uma torre magnífica. Nos meus passeios, de dia, de noite, esta memória faustosamente medieval já me tinha chamado a atenção: é como se o chão da praça quadrangular sobre que assenta fosse o telhado que não tem sob ela. Assim cravada na terra, leva a pensar no topo de uma construção soterrada, ou subterrânea, que continuasse no subsolo as galerias de uma arquitectura mágica como ela.

Vagamente interessado na tradução de alguns poetas de língua espanhola — tinha acabado de traduzir Arrabal e Paz: poemas de *La Pierre de la Folie* e de *Águila*

o Sol? Também traduzira Michaux — trago comigo um livro de Borges, *Inquisiciones*, onde um pequeno ensaio sobre Beckford lido na noite anterior me faz desejar a leitura total da obra. Como é meu hábito, intercalo no livro um caderno de apontamentos. A tarde está muito quente. Sento-me e começo o balbuceio de um poema primeiramente imbuído da proximidade do rio que corre perto, a uma esquina de vista («este rio deitado construído ensonado / trazido aqui por Descartes daqui levado por Stendhal», etc.). Há muito tempo que não escrevo versos e há alguns anos que os não escrevo assim, isto é: não facilmente — como pode fazer-se seguindo uma mnemónica literária, infelizmente vinda da experiência literária — mas enredado num estado de labirinto, numa solicitação violenta que não sabe o que quer e exige tudo: um rio e uma torre, eu enredado nela.

Escrevo os primeiros versos do poema III, no qual falava em Pascal. A forma definitiva da primeira estrofe, mesmo tão simples, ou truculenta, como ficou, levou-me três dias a fixar. Os primeiro e segundo versos da versão que se publica foram apostos, existiam antes, vindos não sei de onde, talvez dos montes de Almada. No poema I, a «descida» e a «falésia» repetem-se. Não pude fazer doutro modo.

Na noite deste dia, depois de um cinema abandonado a tempo, volto à esplanada e ao poema III. É pouco menos de meia-noite. Na «passagem a limpo», tantas vezes equivalente a novas feituras, substituo no oitavo verso a citação de Pascal pela de Stendhal (faz mais

jeito à sonância, vício velho, e retira a um rio civil o odioso de se ver esquadrado entre «a razão» e «a fé», dois estados de espírito bastante de temer. Também pensei ser bonito insinuar a Itália). Escrevo depois o começo do poema V. Em seguida, abandono a esplanada e dou uma volta pelo gradeamento do jardim, agora fechado. Sob a baixíssima cúpula interior da torre há uma estátua impressionante que resolvo decifrar no dia seguinte. Pergunto a um transeunte o nome daquela torre. Responde: la tour Saint Jacques. Por um lapso de relação ou distracção aparente não estabeleço a devida relação com a Torre Saint Jacques de que se contam vários sortilégios («aparecem lá velhos», dissera-me há pouco uma judia francesa muito de longe atingida por um relato de Breton em *Arcane 17*, ou em *La Lampe dans l'Horloge*, não estou certo mas vai dar ao mesmo). Para mim, nesse momento, a Torre Saint Jacques existe mas jacente na campa prestigiosa das leituras feitas há muitos anos. Há também uma publicação com este nome, de que li o número dedicado a Artaud. E é tudo. Em todo o caso, no meu poema, a torre singulariza-se: passa a ser a Torre de Saint Jacques. Em casa, peço à Isabel Meyrelles segunda informação. «É onde queimavam as bruxas», diz-me. Começa o meu exercício de relação. Consulto o Larousse ilustrado. De Saint Jacques, sou remetido para Santiago de Compostela. Não há Saint Jacques no Larousse francês. Passo a uma história da magia. Aí encontro: é realmente a torre erguida por Flamel no século XIV e ornada de símbolos da «ciência oculta».

Já deitado, trabalho no poema I. Quando surge o poema V a luz do dia entra pela janela. Mas em Paris amanhece muito cedo, às quatro horas, em Maio, já não há noite nas ruas.

31 de Maio

No dia 28 voltei à esplanada mas tinha gente a mais. Procuro outro café, outra esplanada próxima: não consigo escrever. No interior do jardim, dou uma lenta meia-volta à Torre. Nem meia-volta é porque a grade que delimita o parque passa rente a uma das faces da construção — exactamente aquela desde a qual poderia ver, de frente, o homem de bronze no seu pedestal. Até onde a descubro, a Torre está vedada, interdita, não é possível entrar.

No dia 31, esplanada sem ninguém. Escrevo a segunda e a terceira estrofes do poema V (teoria do espelho) desta vez em plena comunicação. O livro de Borges continua por ler, diante de mim.

1 de Junho

Na margem direita, toda a deambulação me leva à Torre. Na minha primeira noite «boémia» desta estada (a segunda) em Paris, enquanto atravessava ruas desconhecidas vi nascer o dia sobre o anjo e os bichos fabulosos que lhe ornam o píncaro e soube deles que não estava perdido, que o caminho de casa estava perto.

Noutra noite, vindo de um lado oposto, surgiu-me iluminada no céu escuro e dirigi-lhe um agradecimento, não pelo caminho, que sabia, mas por me ter devolvido ao país da poesia.

Na tarde deste dia, alargo as minhas investigações. Dou uma volta tanto quanto possível completa à Torre de Saint Jacques de la Boucherie. Do lado oposto àquele que eu já tinha examinado, fora do jardim, há uma grade impeditiva do acesso mas uma secção que gira sobre gonzos, está aberta! À esquerda, porém, e nítido em francês, inglês, alemão, italiano, russo, espanhol, o aviso: «Proibido ao Público». Sob a impressionante arquitectura — nestes versos, quereria ter podido sugerir a ideia de uma torre farpada, como se diz de um arame que é farpado — o homem de bronze, cerrado numa capa, fita o chão à sua frente. É desse lado que preciso encará-lo, pois na posição em que está só lhe vejo o perfil iludindo a minha curiosidade. Há que entrar e ler, se existe, a inscrição no pedestal — um sábio, um orador, um doutor de outras eras? Bem firmado na parte inferior do corpo, a cabeça ligeiramente baixa, é como se o enclausurasse, o fechasse por fora, tivesse nela a sua coluna de ar, a mole de pedra que lhe pesa em cima.

Procuro desesperado o guarda do jardim. Não há ou não aparece. Aliás, chove com certa abundância. E a grade aberta, e as proibições, exactamente como numa prova! Sou tomado de certo frenesim, de angústia, mesmo. O meu *permis* turístico está a terminar, não me convém nada infracções em seis línguas. Procuro

o guarda, de novo sem resultado. Volto à grade — que está sempre fechada, dizem-me no próprio dia em que entrei na Torre. Em extremidade de causa penso ironicamente que entre os avisos afixados não há nenhum em português. Olho ainda em volta. Entro. Tenho diante de mim Blaise Pascal. Em baixo, o nome e as datas: 1623-1662.

Quando abandono a Torre surge o guarda que me passa uma descompostura em regra. Sem literatura: é uma perfeita encarnação do Diabo, um autêntico pimento vermelho com, vestido, um casaco de couro preto. Explico que o procurei demoradamente, o que é verdade, e que sentira absoluta necessidade de saber por quem era aquela estátua ali. Peço desculpa. Responde-me que a não tenho. Aponta rubicundo os seis avisos. Ouve-me imperturbável. Toma o ar de quem passa a procedimento. E quando já espero ser conduzido a qualquer posto incómodo, percebo que vai abrandar. Teria estado a espiar-me, a antegozar a sua entrada em cena? Ter-me-ia tomado por argelino bombista retardado e visava-me, carabina, revólver, através da folhagem? Ataco e pergunto em tom amigável qual o motivo, afinal, de tanta proibição. «É um posto meteorológico», explica, «não se pode ali entrar. Se tem tanta vontade de o fazer, seja gentil (traduzo do francês) e peça autorização.» Dito o que, retira-se às arrecuas, com toda a sua corte de diabos, tendo causado em mim, depois da emocionada agitação que me fizera atravessar um interdito, a solução de um complexo de culpa grandemente desenvolvido durante a estada na Torre.

À noite, esqueço os poemas e começo a ler Borges. Abro o livro ao acaso, no metropolitano. Detenho-me no ensaio «O Espelho dos Enigmas». Um itálico chama-me a atenção: «*Videmus nunc per speculum in aenigmate: Tunc qutem facie ad faciem. Nunc cognosco ex parte: tunc autem cognoscam sicut et cognitus sum.*» E a tradução em baixo (a que prefiro, de Cipriano de Valera): «Agora, vemos num espelho, obscuramente; mas então veremos face a face. Agora, conheço parcialmente; então, conhecerei tal como sou conhecido.» (1)
Apesar do meu latim nenhum, posso fazer melhor:

Vemos como num espelho, por enigma

É a quarta estrofe do meu poema V! No seu intacto sentido:

premimos outro corpo outros lábios idênticos
mas do lado de lá como num espelho
nossa fiel imagem invertida

e não só: na igual propriedade das palavras e na direcção que tomam, na última parte do versículo latino como no final do meu poema que, depois de denunciar o encontro meramente casual, carnal, do corpo com

(1) A tradução de Torres Amat, também referida por Borges, intercala a palavra «Deus» para dar o seguinte: «Presentemente apenas vemos *Deus* como um espelho e em obscuros reflexos; mas então *vê-lo-emos* face a face.»

os corpos (1), escolhe o conhecimento que é amor por ligação aos mais remotos rostos do universo. Para além da passagem ininteligente pelas coisas («agora, conheço parcialmente»), os esponsais da lucidez e do desejo («então, conhecerei tal como sou conhecido»):

.....
isso o meu corpo quer — o corpo — dia e noite
ele julga que eu tenho a idade dele...

.....
mas o meu centro de aeração mudou-se
o meu relógio de mar parou em cima da mesa
o espelho meu foi puxado para trás
e foca — admirado — a magnificência liberta

Parece-me inútil frisar, mas, à cautela, friso, que estes versos e a narrativa do seu acontecimento não intercedem por qualquer «humanização do divino» ou crédito de vida como a sonham os católicos. Eles apenas continuam, numa forma inesperada porque conclusiva de uma nova, nova para mim, situação do poeta em relação ao mundo — ao *seu* mundo amoroso — que lhe surge, pela primeira vez, não através, ou não só através do corpo amado como instrumento de gozo, de imaginação e de posse, mas tocando em seu todo todo o mundo das formas, a própria imaginação do universo.

(1) Ler no *Fedro* de Platão.

Este é um universo mágico e a acção do poeta nele labiríntica. Dois mitos diversos — hebraico o primeiro, grego o segundo — que já na análise tentada à pintura de Vieira da Silva se me juntam diante dos olhos. Perturbador, porque, se o mundo hebraico forjou as leis morais do Ocidente e com elas a parte mais inabitável do planeta, forjou também a Kabala — articulado da inteligência das coisas. Perturbador, porque, se Ariana no labirinto é a própria poesia passando através da lei, é também o que mais pode deter-se na *efusão estática* à aproximação do ser amado — modelo um, e facilmente horrível, da extrapolação católica.

Que têm de ligado a epístola aos Coríntios, a chamada a Platão, estes versos, e a Torre? Pois nada, senão que constituímos durante cinco dias matéria comum aos primeiros Kabalistas e ao subsequente arsenal mágico, mais tarde herético, que a própria Torre é o símbolo cravado por Flamel no coração da Cidade. Olhando em mim, olhando em volta, um pouco, não tenho a pretensão de ter *recebido* uma mensagem, mas a certeza de ter encontrado uma. O termo da prova: mais claro: o preço dela, foi inenarrável privação física e sofrimento moral, foi verdadeira «descida ao Inferno» — o autêntico, o físico, «aquele a que o filho do homem escancarou os portais» — com real e contínuo perigo de morte. Não me refiro, evidentemente, à estrada na Torre.

15 de Junho

Em Londres, encontro numa rua de Chelsea, abandonado no chão de um passeio, «o meu relógio de mar» (nunca o tivera antes): uma pequena bússola indica nervosamente o norte magnético incrustada num leme e fixa a uma corrente sem marca de contraste nem dono reconhecível. Tempo depois, já em Paris, deixada em cima de uma mesa, a bússola deixou de funcionar. Mostrada a Helena Vieira da Silva e a Arpad Szenes ouço estas palavras: deve ter pertencido a um cão.

26 de Junho

Quatro dias depois do regresso a Paris faço uma visita de cortesia à Torre. Reencontro o argelino que me asseverara, três semanas antes, no alvorecer da noite em que me perdi, que preferia mil vezes *dançar sozinho* ou com um camarada do que voltar a procurar mulher. Mulheres, bah... Iria para Marselha, onde tinha um colega. Entretanto, mostrava a carteira carregada de retratos de fêmeas, uma delas repetida em diferentes *clichés* que reapareciam como uma obsessão. *Fini, fini, les femmes*. Estávamos num café perto da Torre e eu fitara-o talvez demasiado. Achei-o — e era — parecido com o Alexandre O'Neill, mas mais jovem (sem ser questão de idade) e belo, mais livre — também mais preto — com a realeza da fronte e de gestos que as raças árabes passeiam pela Europa. Pergunta-me se

tenho carta de condução, se quero ir com ele para Marselha. Não quero eu outra coisa mas não vou. Aliás, não tenho carta de condução. Ele ouve as minhas razões e encerra o assunto dizendo que a melhor hora de ir ao banho (turco, suponho) é essa agora ali. Não o acompanhei.

Vejo-o agora sentado, muito direito, num banco do parque. Fala-lhe um rapaz branco, feio como as cobras. Acena-me. Reconheço-o, saúdo-o, mas de longe, passo-lhe de lado, eu, a grande Europa! E subitamente a meu lado, do lado do coração, o que eu ainda não vira, ou olhara sem ver dias a fio: uma discreta, quase oculta homenagem a Gérard de Nerval. O amante traído por todos os rostos de Aurélia, o visionário das *Viagens no Oriente*! Ele, ou o seu perfil de Gérard Labrunie, talhado no medalhão que tem acompanhado tantos dos seus livros.

E o meu príncipe árabe? Desapareceu. Deste duplo encontro, ou reencontro, fantasma restam sobre uma pedra, cercados de musgo, os versos admiráveis:

Je suis le ténébreux, le veuf, l'inconsolé,
Le Prince d'Aquitaine à la Tour Abolie...

11 de Julho

«Cada homem gerado é todo o céu, ou todo o inferno, em todas as suas partes infinitas.» Isto, que leio agora em Swedenborg, pode ter várias réplicas. A primeira

(a Ocidente), de Blake. Última, o que apontei, vejo que sabiamente, no poema I, o

(reino de Pratazul)
a linha de água
que suporta e separa
e contém os dois mundos
e ondula

Ainda neste poema, dois versos cortados, por, entre outras coisas, fazerem supor uma crítica, que não são, ou uma identificação, que não têm, com a filosofia de Platão:

(depois de tantos amos tantas fábricas tantos
arquitectos do amor fitando o espaço)
para que uma Estrela os considere filhos
e os enforque na ideia de uma gávea

Ora, é por holocausto à sua estrela, filha dos mistérios de Ísis e Eleusis, que Nerval se enforca na Rua da Velha Lanterna, em 25 de Janeiro de 1855, de corpo inverosimilmente encolhido. «Bastava-lhe ter estendido as pernas para tocar no solo.»

(Paris, 1964)

Os poemas II, IV, VI e VIII foram compostos em Fresnes em Setembro/Outubro 1964. O poema que começa:

«O navio de espelhos / não navega, cavalga...» nasceu em Londres no ano seguinte e está em *A Cidade Queimada* como fulgor liberto do incêndio. E como resgate. Como acontecimento (como fenómeno) (como voz) (e como forma: do enredado) não vejo na poesia portuguesa coisa que se lhe compare. Posso dizê-lo porque não fui eu que o escrevi, no sentido habitual, autoral, do escrito: foi-me ditado.

(Londres, 1965)

Desapareceu a velha grade alta que defendia em quadrado, enlaçada de arbustos, todo o jardim Saint Jacques e a própria visão da Torre. Canteiros de altura não superior a trinta centímetros formam em cada ângulo do quadrado um anteparo irrisório e ainda mais feio do que os bancos agora postos em modernizado.

A árvore que dá gatos, como eu chamava ao passo ajardinado que ladeia a estação do Cais do Sodré, de Lisboa, não sofreu maior devastação. A perspectiva, como a luz, passou a rasante, e a Torre, despojada de toda a vetustez, raspada pelos serviços camarários, é um bolo amarelo raiado de alvuras indecisas (antes, parecia ferro em combustão interior). Amarela também, a estátua de Pascal ganhou o aspecto mole de quem pode ser conduzido a passeio por qualquer vento fraco variável, e a colunata dedicada a Nerval, antes assoberbada de verdura, vê-se de todo o lado, termina em bico, como a tampa dos telefones para a polícia. Também a casa

do guarda desapareceu: deixou de haver seja o que for para guardar!

Acode-me o final de um filme de Carné: uma mulherzinha que passou meia vida a revestir de sonho e de galas românticas a recordação das luzes, dos salões e dos pares do seu primeiro baile, volta ao local de tanta magnificência e encontra uma esplanada vulgaríssima, oito por quatro e meio de comprido, tecto de papelotes, sanfona bairrista e seres dançantes do mais ordinário que o realizador conseguiu apanhar.

Não quero porém que isto deva aplicar-se, sequer como ironia, a uma cidade queimada. Alegra-me até que hajam desaparecido de forma tão esmagadora o sobrado e o tecto deste meu baile um pouco por demais jungido a forças negras; e prefiro acreditar, tal como me escreve hoje o Cruzeiro Seixas, que «os vaticínios, as coincidências alarmantes, as superstições devoram-se umas às outras».

(Paris, Fevereiro 1970)

Uma nova colecção

Poesia Século XX

1. VINTE POEMAS DE AMOR E UMA CANÇÃO DESESPERADA (6.ª edição)
   Pablo Neruda
2. HORIZONTE IMEDIATO
   António Ramos Rosa
3. ANTOLOGIA BREVE (4.ª edição)
   Pablo Neruda
4. COMBOIO CAMUFLADO
   Harry Martinson
5. A PELE DE TOURO
   Salvador Espriu
6. POEMAS A REBATE
   Natália Correia
7. POEMAS POLÍTICOS
   Hans Magnus Enzensberger
8. PLENOS PODERES
   Pablo Neruda
9. O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO E OUTROS POEMAS (5.ª edição)
   Vinicius de Moraes
10. AS LIÇÕES DO FOGO
    David Mourão-Ferreira
11. EPÍSTOLA AOS IAMITAS
    Natália Correia
12. ALGUMAS DAS PALAVRAS
    Paul Éluard
13. A PALAVRA E O LUGAR
    António Ramos Rosa
14. ODES ELEMENTARES
    Pablo Neruda
15. TITÂNIA E A CIDADE QUEIMADA
    Mário Cesariny
16. A DESTRUIÇÃO OU O AMOR
    Vicente Aleixandre

Do amor

cor de

muralha

todo o homem

é capaz

Eis aqui

as palavras

e as rosas

Façam uma maquette